

## O USO DO DICIONÁRIO COMO MEDIADOR NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS: EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA FUNCIONAL

Bárbara Neves SALVIANO

Universidade Federal de Minas Gerais

[barbarasalviano@msn.com](mailto:barbarasalviano@msn.com)

**Resumo:** Neste trabalho apresentamos uma proposta didático-pedagógica que sugere os dicionários de Língua Portuguesa e de Língua Brasileira de Sinais como auxiliares na promoção da educação do sujeito surdo no âmbito da Língua Portuguesa. O objetivo dessa proposta é cooperar com metodologias de ensino que vão além do uso exclusivo do livro didático. Isso é especialmente importante nas salas de aula com sujeitos surdos visto que há uma grande defasagem quanto à quantidade e qualidade de material didático específicos para educação dos mesmos. A falta de opções nesse campo estagna uma situação de inferioridade de conhecimento em relação aos colegas ouvintes, pois, se o professor não consegue, por falta de auxílio metodológico, estabelecer uma relação ensino-aprendizagem eficaz com seu aluno surdo, não haverá perspectiva do mesmo se estabelecer em meios especialmente letrados da sociedade. Assim, o uso dos dicionários já disponíveis e em circulação, possibilita ao educador oferecer aos alunos surdos acesso amplo à Língua Portuguesa, tão importante nos círculos sociais nos quais estão inseridos. Como metodologia de trabalho, propomos estabelecer os seguintes dicionários brasileiros: Dicionário Houaiss da língua Portuguesa, de 2010; Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. 3ª de 2010; Dicionário Caudas Aulete, de 2007 e Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais, de 2001; como material extra-didático no ensino do léxico e gramática da Língua Portuguesa em salas de aulas com alunos surdos.

**Palavras-chave:** ensino de português, educação de surdos; dicionário; competência lexical.

### 1. Introdução:

A educação dos alunos surdos tem sido objeto de discussões nos círculos acadêmicos principalmente desde que a escola inclusiva foi proposta pela legislação vigente. Porém, isso não tem significado grandes mudanças para esses alunos. O que percebemos são anos de frequência à escola, mas uma perceptível inferioridade de conhecimento em relação aos colegas ouvintes. Isso não acontece por deficiência no desenvolvimento cognitivo dos surdos, mas a Língua Portuguesa é fator decisivo na definição desse quadro.

Notamos também uma grande defasagem quanto à quantidade, bem como qualidade de material didático voltado para educação dos surdos. A falta de opções nesse campo promove um círculo vicioso: professor que não consegue, por falta de auxílio metodológico, estabelecer uma relação ensino-aprendizagem eficaz com seu aluno surdo, gera falta de perspectiva do mesmo se estabelecer em meios especialmente letrados da sociedade. Então, como podemos trazer soluções práticas que amenizam e, em alguns casos, até mesmo solucionam tais problemas de ensino-aprendizagem? Não seria razoável propor aos professores que aguardem a elaboração de um material didático útil e eficiente nesse sentido, pois o problema exige dissolução urgente. Assim,

uma saída de força efetiva é usar obras lexicográficas já produzidas de maneira bem assistida para integrar uma relação ensino-aprendizagem que gere os efeitos desejados para ambos os periféricos, a saber, professor e aluno.

## 2. O multiculturalismo da identidade surda

A Língua Brasileira de Sinais já é reconhecida como a Língua Oficial da Pessoa Surda pelas leis nº 10.436, de 24/04/2002, lei nº 10.098, de 19/12/2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. A Libras é, portanto, a língua natural ou materna do sujeito surdo. Stokoe (1960) percebeu e comprovou que a Língua de Sinais atende a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Concordando com isso, Brito afirma:

“[...] a Libras é uma língua natural, com estrutura própria, surgida entre os surdos brasileiros e possuidora de toda a complexidade intrínseca aos sistemas linguísticos que servem à comunicação e de suporte do pensamento” (BRITO, 1995).

Quadros também explana sobre a língua natural dos surdos:

“As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação; por exemplo, produtividade ilimitada, criatividade, multiplicidade de funções, arbitrariedade da ligação entre significante e significado e entre signo e referente, caráter necessário dessa ligação, e articulação desses elementos em dois planos – o do conteúdo e o da expressão. As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem.” (Quadros, 2004)

Sendo assim, a identidade do sujeito surdo brasileiro passa pela sua manifestação linguística, que é efetivada pela sua língua própria, a saber, a Libras. Porém, determinar essa identidade e Cultura Surda não é tão simples assim, e Wrigley (1996) explica o porquê. Para ele, a surdez é um 'país' sem um 'lugar próprio'; é uma cidadania sem uma origem geográfica.

Isso se deve ao fato de que surdos e ouvintes estão imersos no mesmo espaço físico, e partilham de uma mesma cultura postulada pela maioria ouvinte. Por exemplo, no Brasil, surdos e ouvintes compartilham uma série de hábitos e costumes, ou seja, aspectos próprios da Cultura Surda mesclados a aspectos próprios da Cultura Ouvinte\_ fato que torna os surdos indivíduos multiculturais. Por esse motivo, Skliar (1998: 28) defende que:

“É possível aceitar o conceito de Cultura Surda por meio de uma leitura multicultural, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções, pois a Cultura Surda não é uma imagem velada de uma hipotética Cultura Ouvinte, não é seu revés, nem uma cultura patológica.” (Skliar, 1998)

Esse multiculturalismo não envolve apenas questões socioculturais. Estar em um ambiente de maioria ouvinte usuária de uma língua oral faz também com que os surdos estejam em um

contexto bilíngue, configurado diante da co-existência da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa. Assim, no que diz respeito à educação da pessoa surda, não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte do currículo escolar, mas sim tornar possível a co-existência dessas línguas reconhecendo-as de fato como igualmente importantes para a pessoa surda que se está formando.

Pensando nesse ambiente multicultural e bilíngue no qual estão inseridos os sujeitos surdos, e nessas necessidades de; primeiro, lhes oferecer conhecimento através da sua língua materna<sup>1</sup> e, segundo, de lhes conferir competência na Língua Portuguesa<sup>2</sup>; propõe-se a educação do sujeito surdo através da Libras e do uso das obras lexicográficas dicionários para mediar o ensino da língua portuguesa a esses alunos falantes nativos da língua de sinais.

### **3. Obras Lexicográficas Dicionários: por que usa-las?**

A escolha dos dicionários como instrumentos de apoio ao ensino do português se deve especialmente pela função metalinguística do mesmo. Pontes & Santiago (2009) descrevem:

“Há de esgotar o potencial de informações que o dicionário possa oferecer ao aluno, não o resumindo na simples função de tira-dúvidas, o que limita extremamente seus usos em sala de aula. Deve-se, sim, reconhecer o dicionário como texto, que obviamente pressupõe outras leituras.” (Pontes & Santiago, 2009)

Como ferramenta didática, os dicionários podem possibilitar aos alunos surdos muito mais do que definições. Pode aportá-los aos importantes conceitos da gramática da língua oral oficial do seu país, o Português, bem como dá margem para discussões sobre aspectos linguísticos destoantes entre a Libras e o Português, como, por exemplo, os sufixos e prefixos\_ morfemas inexistentes na Língua Brasileira de Sinais.

Mais importante ainda; os dicionários de Português são obras estudadas minuciosamente há décadas\_ grupos bem estabelecidos de lexicologia e lexicografia fazem parte de praticamente todas as faculdades de Letras do país. Podemos afirmar que quase não há defasagem em estudos sobre o assunto. De modo recorrente, estudiosos da área promovem novas ideias ou aperfeiçoam ideias já antes defendidas. Sem mencionar o programa do MEC que prevê avaliação detalhada dos dicionários escolares que serão distribuídos aos alunos da rede pública de ensino. Tudo isso

---

<sup>1</sup> A língua de sinais, uma vez entendida como a língua materna do surdo, será, dentro da escola, o meio de instrução por excelência. A UNESCO propõe a educação básica na LM da criança, o que, para o surdo, corresponde à educação básica em língua de sinais.

<sup>2</sup> Faz-se necessário o ensino de língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais do surdo. Nesse processo, cabe ainda considerar que os surdos se inserem na cultura nacional, o que implica que o ensino da língua portuguesa deve contemplar temas que contribuem para a afirmação e ampliação das referências culturais que os identificam como cidadãos brasileiros. (Quadros, 2006)

tem permitido uma atenção redobrada sobre os dicionários de Português publicados. Não podemos dizer o mesmo sobre os materiais didáticos utilizados pelas escolas\_ em especial no que diz respeito aos livros didáticos para ensino de Português para surdos. Esses materiais são defasados, superficiais e não atendem à necessidade do bilinguismo funcional. Assim, terem os professores um material eficiente, dinâmico, sensível às transformações da língua, bem planejado e supervisionado, e que ainda agrega valores e informações culturais do povo que tem aquela língua como a língua materna, como os dicionários de Português, pode auxiliar em muito no ensino da língua portuguesa<sup>3</sup>.

### 3.1 Obras Lexicográficas Dicionários: Estrutura Funcional

Cabe à escola a função de promover aprendizado de leitura e escrita de modo que permita aos seus alunos interação plena com a sociedade em todas as suas facetas formais ou informais. Como ter habilidade em fazer isso com o aluno ‘padrão’, isto é, com o aluno que faz parte do grupo base da sociedade, tem sido amplamente discutido nas Faculdades de Educação em todo o Brasil através de disciplinas, projetos, trabalhos, livros, etc. Mas como conseguir a mesma habilidade com um grupo minoritário que também faz parte dos assentos das escolas? Como conseguir essa habilidade com alunos surdos que tem uma visão de mundo absolutamente diferente da nossa, como ouvintes? E caso trabalhe com uma turma de escola inclusiva, ou seja, com alunos surdos e ouvintes, como caminhar de modo a promover a mesma competência para ambos os grupos? Como ser eficaz em ensinar a Língua Portuguesa como L2? E como fazer isso de um modo que privilegie a visão\_ já que é por esse sentido que os surdos captam as informações e o mundo externo? Faria pensando nisso aponta:

“É preciso que os profissionais envolvidos com o ensino de língua portuguesa para surdos, conscientes dessa realidade, predisponham-se a discutir constantemente esse ensino, buscando alternativas que permitam ao surdo usufruir do seu direito de aprender com igualdade, entendendo-se, no caso do surdo, que para ser 'igual' é preciso, antes, ser diferente.” (Faria, 2001)

A discussão sobre o ensino de Português para alunos surdos deve buscar alternativas. Uma delas se baseia no bom uso dos dicionários como meio de instrução da Língua Portuguesa. Por que podemos afirmar isso? A forma como os dicionários são estruturados é apenas um dos motivos para esses serem utilizados pelo professor de Língua Portuguesa de alunos surdos. Essa estrutura é um meio que facilita para os sujeitos surdos o aprendizado do Português. Acompanhe os esclarecimentos abaixo:

- Um dos objetivos dos dicionários escolares, segundo Atkins (1990) é a compreensão e a produção, ou seja, o consultante \_nativo ou não nativo\_ deve ser capaz de entender o(s) significado(s) do item consultado e de utilizá-lo em situações de comunicação. Possibilitar isso aos alunos surdos é inseri-los na sociedade, pois, tudo que está à sua volta

---

<sup>3</sup> O uso de dicionário de Português sugerido para a sala de aula de alunos surdos é o dicionário de tipo escolar que melhor se adapta à série/ano do aluno. Tipos de dicionários, suas funcionalidades, pontos fortes e fracos podem ser estabelecidos como critérios de aceitação e exclusão e podem ser analisados pelo professor.

está registrado em Português. Usar uma obra lexicográfica de modo a permitir ao sujeito surdo a leitura e escrita eficaz do Português, com aplicação prática do mesmo, é dar a esse grupo a oportunidade de alcançar o nível da competência linguística e lexical não alcançada através dos métodos atuais de ensino do Português\_ que ensinam a língua ao aluno do Ensino Fundamental e Médio através de extensas páginas de material didático escritas em Português formal. Embora os dicionários também sejam escritos em Português e produzidos para leitores que têm o Português como L1, sua estrutura é bem mais objetiva e simples. O número reduzido de palavras ao definir cada verbete facilita em muito para a pessoa surda uma compreensão plena de sentido daquele texto que leu\_ esse é o primeiro passo para produzir leitores e escritores competentes.

- Podemos afirmar que os dicionários são eficazes para o ensino de Português para os surdos porque sua estrutura é embasada naquilo que Amritavalli (1999) nos lembra: quanto ao vocabulário de definição, “a explicação da palavra não deveria ser mais complicada que a própria palavra”, e que os exemplos não podem trazer novos problemas de compreensão. Portanto, a elaboração do dicionário escolar deveria ser precedida da seleção de um vocabulário **básico**. A busca pela simplicidade em essência é a chave mestra para educar eficazmente os alunos surdos. As Línguas de Sinais tem por pressuposto a **objetividade**, a **clareza** e a **simplicidade**<sup>4</sup>. Esses são pressupostos coincidentes para a produção dos dicionários. Explorar essas coincidências trabalhará a nosso favor. Teremos a aproximação da estrutura da Libras (já adquirida por esses alunos) com um material em Língua Portuguesa que, se bem utilizado, pode oferecer a aquisição dessa segunda língua por esses alunos. Usar os dicionários para possibilitar aos alunos surdos entendimento pleno das suas definições e de seus exemplos é cumprir o objetivo do ensino do Português para alunos que têm a Libras como língua materna.
- Outras características da estrutura dos dicionários escolares de Português facilitadoras do ensino dessa língua aos alunos surdos são as alistadas por Longo:

“Num dicionário escolar de comunicação, o verbete deve trazer a forma lematizada do item, bem como possíveis variações ortográficas e de realização fonética; definição referencial baseada em vocabulário fundamental; definição sinonímica; informações morfossintáticas incluindo a classificação dos itens, especificações sobre flexões irregulares, sobre a estrutura argumental e sobre possíveis restrições de subcategorização; exemplificação do uso. Nesse tipo de dicionário, é essencial contemplar o sistema de transitividade dos itens, e as diferentes possibilidades de distribuição e configuração sintática, correlacionando-as às diversas acepções.” (Longo)

Sem dúvida, aplicar em sala de aula cada um desses elementos acima descritos trará muitos benefícios ao aluno surdo, no que diz respeito à aquisição da Língua Portuguesa. O objetivo de estabelecer nos dicionários todos esses elementos é levar o aluno, surdo ou ouvinte, não só à compreensão da palavra estudada e analisada, mas também à incorporação da mesma ao seu

---

<sup>4</sup> Entende-se simplicidade não como sinônimo de *rústico* ou *como aquilo que não tem qualidade superior*. Entendemos simplicidade como *o que não é complicado, o que é de fácil interpretação*.

léxico ativo, ou seja, que o aluno passe a usar por própria iniciativa essas novas unidades lexicais que aprenderam. No caso dos alunos surdos isso é essencialmente mais importante, visto que, normalmente a aquisição de competência lexical se dá mais tarde nas crianças surdas do que nas crianças ouvintes<sup>5</sup>. O resultado é que o léxico ativo e passivo daquele grupo é menor do que o desse grupo, comparando crianças da mesma idade. Daí a necessidade real de professores de Língua Portuguesa em salas de aula compostas de alunos ouvintes e surdos usar de alternativas a fim de equilibrar a aquisição do conhecimento por parte de ambos os grupos.

#### **4. Considerações finais**

Através da análise das obras lexicográficas dicionários procuramos evidenciar que sua estrutura e função metalinguística os eleva a uma posição de ferramenta didática no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa para o sujeito surdo de identidade multicultural. Os dicionários podem possibilitar aos alunos surdos muito mais do que simples definições. Pode aportá-los aos importantes conceitos da gramática da língua oral oficial do seu país, o Português, bem como dá margem para discussões sobre aspectos linguísticos da sua própria língua materna, a saber, a Língua Brasileira de Sinais. Reconhecendo a escassez de recursos metodológicos para professores de alunos surdos, (seja em salas de aula exclusivas de surdos ou salas de aula mistas) os dicionários\_ instrumentos produzidos com excelência e assistidos por programas do Ministério da Educação\_ já presentes nas escolas podem ser um recurso valioso ao promover um aprendizado eficaz de léxico e gramática da Língua Portuguesa para a pessoa surda.

#### **5. Referências**

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Aurélio: Sinônimo de dicionário? Alfa 44. São Paulo, (:27-55), 2000.
- BIDERMAN, M.T.C. Análise de dois dicionários gerais do português Brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. Filologia e Linguística Portuguesa. Humanitas, São Paulo, v. 5, p. 85-115, 2003.
- BORBA, F.S. Organização dos Dicionários. São Paulo: UNESP, 2004. Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAPOVILLA, F. C. & RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira. São Paulo, SP: EDUSP. 2001.
- CUMMINS, J. Language, power and pedagogy: bilingual children in the cross-fire. Clevedon: Multilingual Matters. 2000.

---

<sup>5</sup> O processo de aquisição normal da linguagem por crianças surdas, geralmente, ocorre com crianças surdas filhas de pais surdos que utilizam a língua de sinais com o bebê desde o nascimento. No entanto, cerca de 90% das crianças surdas não tem o acesso à língua de sinais desde o nascimento, pois nascem em lares que a língua oral é a utilizada, ou seja, são filhas de pais ouvintes que não utilizam a língua de sinais (MUSSELMAN, 2000).

- DUBOIS J. & DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie. Le dictionnaire*. Paris: Librairie Larousse, 1971.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXXI: O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA BRITO, L. *Comparação de Aspectos Lingüísticos da LSCB e do português*. Conferência apresentada no II Encontro Nacional de Pais e Amigos de Surdos. Porto Alegre. 27 a 29 de novembro de 1986.
- FERREIRA BRITO, L. *Integração Social & Educação de Surdos*. Babel Editora. RJ. 1993.
- HÖFLING, C. *Da análise crítica de definições de nomes concretos em dicionários para uma proposta de definição padrão*. Mestrado. Araraquara, UNESP, 2000.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.
- KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais e Língua Portuguesa: em busca de um diálogo*. In
- LEFFA, J. V. (Org.). *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem*. Pelotas: ALAB, 2000.
- LODI, A. C. B. & Harrison, K. M. P. & TESKE, O. (orgs). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2002.
- MICHAELIS. *Dicionário Michaelis da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.
- QUADROS, R. M. *O contexto escolar do aluno surdo e o papel das línguas*. Na Revista Espaço. 1998.